

A CENOGRAFIA NOS DESFILES DE MODA

Regina Maria Alves Dias¹

Ana Mae Barbosa²

Resumo

Este estudo tem como objetivo analisar os aspectos envolvidos no pensar e no fazer cenográfico para os desfiles de moda. A cenografia de desfiles de moda se caracteriza pela interdisciplinaridade, pois se apropria de elementos de áreas como a Arquitetura, o Teatro, o Design e as Artes. Dos resultados obtidos, através de uma análise, elegeram-se dois dos aspectos mais importantes da utilização da cenografia nos desfiles de moda: seu suporte enquanto elemento de composição visual e espacial que tem a finalidade de ambientar; e sua capacidade de ajudar as marcas e os estilistas na transmissão dos conceitos que estes escolheram como temática para suas coleções.

Palavras chave: Configurar. Conceito. Espaço. Moda

Abstract

This study has the objective to analyse the aspects in the thinking and doing scenographic to the fashion show. The scenography is characterized by interdisciplinary nature, because takes the elements from areas like Architecture, the Theater, the Design and the Arts. From the obtained results of the analyses, we pointed as the most important aspects of the scenography use in the fashion show: its support as visual composition element and spacial that has the end of to set, and the stylist in the transmission of the concepts that these ones chose as a thematic to their collections.

Key words: Configure. Concept. Space. Fashion

1. Introdução

Neste artigo, parte da dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* em *Design* – Mestrado da Universidade Anhembi Morumbi, nosso olhar, motivado pela crescente repercussão dos desfiles das

¹ Mestre em Design, Universidade Anhembi Morumbi, E-mail: arquiteturas@ig.com.br

² Doutora em Humanistic Education, Boston University, E-mail: anamae@uol.com.br



semanas de Moda nacionais na mídia, fixa-se sobre um dos elementos que compõe esses desfiles: a cenografia.

Nosso objetivo é a compreensão da utilização da cenografia nos desfiles de moda. Para isso nos permitimos um breve olhar sobre a relação dos desfiles com a dinâmica da Moda e como a cenografia se insere nesse contexto.

A cenografia nasceu no Teatro, mas sua utilização se expandiu para outros campos onde se faz necessária uma ambientação. Percebemos sua presença, hoje em dia, na TV, cinema, shows, desfiles. Pensamos que cada um desses campos merece atenção, pois o universo de linguagem muda de campo para campo.

Projetar e dar forma espacial a uma idéia parece-nos o trabalho do profissional que atua em cenografia. Esse projetar implica uma atividade criativa, um conhecimento de técnicas e materiais disponíveis, um planejamento de etapas de construção; enfim, exige um trabalho integrado com várias áreas do saber e com vários profissionais.

Assim, não é de estranhar que encontremos profissionais de várias áreas criando cenografia para os desfiles: artistas plásticos, arquitetos, cenógrafos, designers, bem como equipes multidisciplinares envolvidas nesse trabalho.

2. Cenografia e os Desfiles de Moda

2.1. Dos Desfiles de Moda

Como o fazer cenográfico, está diretamente ligado à dinâmica do evento para o qual esse trabalho é usado, achamos conveniente mencionar, ainda que de forma breve, aspectos relacionados com o evento de Moda, no qual a cenografia contribui formando a composição espacial e visual: o desfile.

Esse evento por sua vez é parte da dinâmica comunicativa da Moda. O desfile foi ganhando notoriedade ao longo do tempo e hoje conta com Semanas de Moda internacionais e nacionais, que fazem parte da agenda de negócios dessa área. Desde o surgimento dos primeiros desfiles, o objetivo das grifes que participam desses eventos é despertar o desejo de consumo dos produtos ofertados e movimentar seus negócios.

As peças de roupa e os acessórios, criados pelas grifes, são compostos em *looks* únicos para o desfile, e depois deste são separados e reorganizados de outras maneiras pelos lojistas e consumidores. Entenda-se *look* como o conjunto de roupas, acessórios, maquiagem, penteado, postura e gestualidade; que é apresentado por cada modelo no desfile, seria o “visual” proposto e apresentado como tendência de moda.

Outro fator importante na formação da dinâmica dos desfiles é a organização espacial do evento: a configuração dos lugares reservados ao público no lugar do desfile; a iluminação responsável por destacar os *looks* e produzir os efeitos estéticos desejáveis; a trilha sonora escolhida e pensada por profissionais especializados, que é responsável pelo ritmo da apresentação



dos modelos e o envolvimento sensitivo do público; a cenografia, elemento visual responsável juntamente com os outros descritos acima, de ambientar e contribuir na transmissão da mensagem do desfile aos espectadores.

Consideramos que para a cenografia de um desfile, dois elementos que compõe essa construção visual e espacial, podem ser considerados os mais importantes: a boca de cena e a passarela.

A boca de cena é o local previsto para o aparecimento dos modelos. Para ela ficam voltados todos os olhares que aguardam o início do desfile e é dela que surgem os modelos com os *looks* tão esperados. A passarela é o local previsto para a apresentação dos *looks* e tem a finalidade de permitir que estes sejam visualizados por todos os ângulos.

Um bom projeto para esses dois elementos já garante em grande parte o sucesso da ambientação de um desfile e os dois juntos fazem parte da cenografia.

2.2. Os Primeiros Desfiles

Costureiros importantes para história da Moda, como Poiret, Chanel, Frederick Worth, costumavam apresentar suas coleções nas próprias *maisons* ou em lugares públicos, como pistas de corrida. Porém ainda não se tratava propriamente de um desfile. Jovens eram contratadas para vestirem as coleções e exibi-las em meio a clientes, que na sua maioria pertenciam a senhoras da alta sociedade.

A idéia de contratar mulheres para exibir suas roupas em ambientes elegantes foi uma tática promocional que precedeu o desenvolvimento dos desfiles de moda mais formais. (EVANS, 2002, p. 34)

Os primeiros desfiles dos quais se tem registro aconteceram por volta do ano 1900 na França, Grã-Bretanha e Estados Unidos; e diferente dos desfiles atuais, duravam horas, tinham horários fixos e se repetiam diariamente ao longo de semanas.

Alguns autores ligam a idéia da origem dos desfiles aos ideais da Revolução Industrial. O que não resta dúvidas, porém, é que os desfiles impulsionaram o desenvolvimento da indústria da moda.

Caroline Evans, docente em História da Moda no Central Saint Martins College em Londres relata:

As apresentações de Poiret, assim como as de Lucile, dissimulavam com ilusão teatral a natureza comercial da iniciativa. (EVANS, 2002, p. 40)

Para Evans, desde o início, os desfiles de moda basearam-se em narrativa e drama. Nos desfiles de Lucile, podemos verificar vestígios do princípio dos desfiles espetáculo.



Também já é possível perceber uma relação entre Arte e Moda, nos trabalhos desses primeiros estilistas. Schiaparelli, estilista italiana que teve o auge de sua carreira nos anos 30, tinha suas criações influenciadas por artistas como Salvador Dalí e Léon Bakst, um dos cenógrafos do Ballet Russe de Diaghilev. Para ela, moda e arte deveriam caminhar juntas. Ao que parece, Schiaparelli foi a primeira estilista a produzir coleções temáticas, ideia que hoje em dia é usual nas coleções. Suas coleções eram inspiradas em temas como circo, astrologia, fundo do mar, música.

Os desfiles foram ganhando mais rapidez com as inovações da estilista Mary Quant nos anos 60. Considerados revolucionários pela rapidez com que os modelos se apresentavam, seus desfiles tinham um ritmo acelerado e produziam uma atmosfera elétrica.

Segundo Lydia Kamitsis, historiadora de moda, com os estilistas Viktor & Rolf, o desfile tornou-se uma finalidade em si. Essa dupla se fez notar desde suas primeiras apresentações colocadas sob a tutela das Artes Contemporâneas. O desfile servia para construir uma imagem conceitual, uma estratégia de comunicação que tinha, além de outros benefícios, a cobertura midiática da qual os dois estilistas se beneficiavam. (KAMITSIS, 2006)

Em Nova York eram realizados muitos desfiles artísticos com cenários urbanos como estações de trens, supermercados, depósitos, piscinas, etc.

Esse breve relato, sobre alguns eventos relacionados com a história dos desfiles, ajuda-nos a entender as transformações que esse evento vem passando e as novas formas que vem assumindo.

Pelo número de desfiles realizados nas Semanas de Moda internacionais e nacionais atuais, podemos verificar que o desfile está caracterizado como um evento próprio para a manutenção dos negócios e a projeção das marcas no segmento da Moda.

A cenografia está presente como elemento de composição visual e espacial desse evento e em alguns casos ela é um dos componentes que se destaca nos comentários realizados pela mídia ou pelo público, depois do término do desfile.

As marcas apostam nesse recurso e algumas delas investem grandes quantias na produção cenográfica porque vêem vantagens nesse investimento.

3. Alguns Aspectos da Cenografia nos Desfiles de Moda

3.1. Características da Cenografia

São muitos os aspectos a serem abordados sobre cenografia, que contribuem para o seu entendimento e para o desenvolvimento do seu processo de criação.

Tentaremos traçar esses aspectos através da descrição de algumas características inerentes ao fazer cenográfico.



Um trecho de uma frase de Aloísio Magalhães, sobre cenografia, dialoga com o que entendemos ser a identidade desse elemento de composição espacial:

A cenografia é uma arte antes de tudo discreta. Existe a serviço de um texto e obedece fielmente à concepção do espetáculo, imaginada pelo diretor. Ela não deve ser notada especialmente, pois faz parte de um equilíbrio geral – partícula de um todo. (MAGALHÃES *apud* LEITE, 2003, p. 34)

O papel da cenografia sempre foi o de colaborar para o entendimento da idéia geral do espetáculo. Também nos desfiles de moda, onde podemos pensar que o que vale é chamar a atenção, o bom trabalho de cenografia leva em conta a não gratuidade dos elementos utilizados.

O bom cenógrafo sabe que nenhum elemento que constitui sua criação pode ser gratuito, tudo tem uma função ou relação com o espetáculo para o qual está criando, pois todos os elementos contribuem para criar o ambiente desejado. Para José Dias, o processo criativo em cenografia é árduo, no sentido de que devem ser feitos muitos estudos, muitos desenhos, até se chegar à síntese, ou seja, aquilo que de fato é necessário e adequado ao espetáculo para o qual se está criando. (DIAS, 1999)

Assim sendo, podemos considerar a cenografia como parte integrante do evento ao qual está inserida. Um elemento muito importante, mas que deve ocupar o seu lugar, pois sempre contribui com o mais importante: o cantor, no caso de um show; a interpretação do ator no caso do teatro; a notícia, no caso de um programa jornalístico; os *looks*, no caso do desfile de moda.

Além dessa interferência atuante da cenografia que é responsável, muitas vezes, por definir a direção do desfile, existem duas características, que a nosso ver, podem ser consideradas as mais intrínsecas ao papel da cenografia como construção do espaço visual do desfile: ambientar e contextualizar, transmitir conceitos ou mensagens. Essas duas características são intrínsecas e inseparáveis no conjunto da cenografia. São características concomitantes porque a ambientação é feita através de elementos, formas, cores, materiais que não podem ser desprovidos de significado.

Estaremos a seguir, separando essas duas características, apenas como uma forma de entender melhor suas utilizações nos desfiles.

3.1.1. Ambientar

A cenografia é o elemento visual e plástico responsável por criar o ambiente no qual acontecerá uma cena ou uma ação. Através dos elementos que compõem o cenário, podemos identificar lugares aos quais o cenógrafo ou o diretor de desfile quer nos transportar: situações, tempo. Tudo isso pode ser transmitido através das formas, cores, texturas dos materiais empregados, etc.

Podemos dizer que ambientar, em cenografia é criar o espaço perfeito para a ação que será executada.



Na Figura 1, do desfile da Dolce & Gabana, a cenografia utiliza elementos próprios da estação do ano para a qual a coleção foi criada: outono/inverno.



Fonte: www.erikapalomino.com.br

Figura 1: Desfile de D&G. Out/Inv. 2002

As folhas secas são uma representação simbólica do outono. As cores e demais elementos ambientam o desfile e são capazes de transmitir uma sensação climática através da imagem visual do cenário que se adapta às roupas demonstradas.

3.1.2. Contextualizar, Transmitir Conceitos e Emoções

As marcas e os estilistas que participam da São Paulo Fashion Week preparam suas coleções inspiradas em algum tema. Para isso, pesquisam o mercado, estudam as tendências, a cartela de cores, separam materiais, imagens como referência. Esse material é o instrumental do estilista para materializar a sua idéia sobre o tema que estará presente em toda a sua coleção.

O cenógrafo, profissional contratado para criar a ambientação do desfile é responsável por dar visualidade e materialidade espacial ao tema que o estilista quer transmitir com o desfile. E o instrumento que torna possível essa materialização visual é a cenografia. As referências utilizadas pelo estilista também servem para que o cenógrafo comece a pensar e projetar a cenografia. Essas referências são muito importantes para que a cenografia atinja o objetivo de transmitir o tema que norteia a coleção da marca.

Cabe assim ao cenógrafo, combinar o material que lhe é proposto como referência e permitir que seu trabalho seja uma resposta à proposta que o cliente lhe fez.



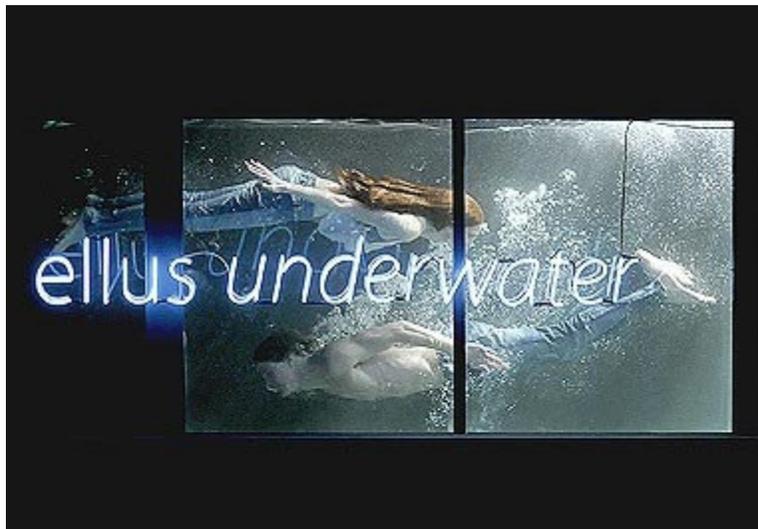
A cenografia é responsável, muitas vezes, por criar a linguagem do desfile. Criar o elo de transmissão entre o tema da coleção e o espectador. Essa linguagem é formada através das informações visuais que o cenógrafo cria para toda a ambientação do desfile.

Conceber uma cenografia para um desfile envolve pensar o espaço e criar a partir dele. Interpretar a temática proposta, escolher os materiais e a tecnologia a ser utilizada.

O resultado desse trabalho converge para uma interação com o espectador, que se apropria da proposta visual da cenografia e a ultrapassa, intertextualiza com outros textos que corroboram para a sua manifestação.

Seguimos com mais um exemplo, onde a cenografia além de ambientar, caracteriza-se por contextualizar, dando forma tridimensional para o pensamento que desencadeou o tema para os desfiles, ou seja, contribui na transmissão de conceitos e emoções.

Na Figura 2 abaixo, da cenografia do desfile da Ellus na SPFW / Verão 2009, foi construído um aquário, para compor a boca de cena. O tema da coleção foi o fundo do mar ou como sugere a cenografia: um mergulho no fundo do mar.



Fonte: <http://moda.terra.com.br/spfw/verão/2009>

Figura 2: Desfile da Ellus Prim/Verão 2009

Podemos dizer que a transmissão de conceitos e idéias é intrínseca ao trabalho de cenografia. E esse fato pode dar-se de maneiras muito diversas. O cenógrafo ora sugere sendo mais ou menos implícito na sua construção visual, ora usa toda sua criatividade para que essa transmissão seja feita de maneira a proporcionar sensações diversas nos espectadores, afim de que essa transmissão seja mais sensorial e sugestiva.



3.1.3. Integração com Várias Áreas - Interdisciplinaridade

Podemos notar nos trabalhos cenográficos desenvolvidos para os desfiles de moda, que os profissionais envolvidos com esses trabalhos, se apropriam de elementos de áreas como o Teatro, as Artes-plásticas, a Arquitetura.

Analisando os desfiles como um todo ou a cenografia para eles criada, podemos identificar uma das questões da contemporaneidade: o cruzamento de linguagens e a interdisciplinaridade.

E porque não salientar que a cenografia realizada para os desfiles de moda tem um envolvimento com o próprio design, pois alguns fatores identificam esse trabalho com essa área, a saber, a existência de uma ação projetual, de um planejamento que elege tecnologias e materiais a serem utilizados; um compromisso com produtos e marcas elegendo formas de comunicação entre estes e seu público.

3.1.3.1. Teatro

A cenografia nasceu no teatro. Existem algumas relações entre um projeto de cenografia para uma peça teatral e para um desfile de moda. Algumas dessas relações ou identidades estão na própria essência do conceito que fazemos sobre o que é cenografia. Uma construção espacial, um elemento que atua de forma sensorial e visual no espetáculo e no espectador porque é responsável pela criação do ambiente, da atmosfera, do lugar da cena. Carrega consigo a feliz perspectiva de ajudar a contar a história da narrativa proposta.

Percebemos relações entre os dois usos da cenografia, no teatro e nos desfiles, por exemplo, a utilização da palavra “boca-de-cena” para os dois usos. Também para ambos os usos, a cenografia se adapta à narrativa que lhe é proposta, seja esta, um texto ou uma temática.

Entendemos que as experiências feitas pelos grandes cenógrafos da história do teatro foram importantes para a construção do pensar em cenografia. Como exemplo, entre outras, podemos citar as experiências de Josef Svoboda, tchecoslovaco, diretor técnico do Teatro Nacional de Praga em 1951, cenógrafo, com formação em Arquitetura, Artes Plásticas e Teatro. Svoboda contribuiu muito com as suas pesquisas e com a sua incansável busca da perfeição. Na Figura 3, foto da peça *A lanterna mágica*, podemos ter uma idéia das experiências que esse cenógrafo realizou, ultrapassando os limites do teatro e mesclando suas experiências com projeções, reflexões de imagens.



Fonte: <http://paloman.multiply.com>

Figura 3: Josef Svoboda. *A lanterna Magika*. 1958

O parágrafo anterior nos fez pensar que esse é um ponto interessante para o fazer cenográfico: será que por se tratar de um trabalho efêmero, pois existe somente enquanto a apresentação existe e vai-se quando esta termina, o projeto de cenografia deve ter menos rigor do que um projeto para outra construção espacial mais duradoura?

Talvez por ser uma construção de pouca duração, ou seja, efêmera; pode-se pensar que exige um projeto que seja a síntese, o resultado de uma elaboração bem definida, capaz de transmitir em pouco tempo, todo o significado da obra. Para isso é importante um projeto bem elaborado, afim de que a cenografia contenha as formas, as cores, os materiais, as texturas adequadas para a fácil transmissão do conceito desejado.

Soma-se ao curto tempo de duração da cenografia, o curto tempo de montagem, para a cenografia dos desfiles. Na São Paulo Fashion Week, por exemplo, esse tempo é restrito e às vezes têm-se apenas algumas horas. Todo empenho no projeto dos detalhamentos construtivos e dos encaixes das peças, garante que o resultado esperado seja realizado no curto tempo disponível.

Para Svoboda, a cenografia devia diluir-se no espetáculo a ponto de se fazer necessária e imprescindível para o significado da obra.

São inúmeros os exemplos atuais de projetos de cenografia de desfiles que utilizam projeções de imagens como recurso visual. As experiências iniciadas por Svoboda continuam e estão ligadas à tecnologia disponível.

Em Florença a marca Diesel usou cenografia virtual para o desfile da sua coleção Primavera/Verão 2008. Podemos ter uma idéia do efeito produzido, através da Figura 4 abaixo.



Fonte: <http://oglobo.globo.com>

Figura 4: Desfile Diesel. Primavera/verão 2008

O tema da coleção da Diesel foi o oceano. Em meio à apresentação dos modelos, a cenografia virtual reproduziu animais marinhos que atravessavam a passarela em imagens tridimensionais.

No Brasil já é possível dispor dessa tecnologia, mas o seu alto custo ainda inviabiliza sua utilização.

Para finalizar este item dedicado a perceber algumas relações entre os usos da cenografia no Teatro e na Moda, ainda que tenha sido de forma muito breve, podemos verificar que embora cada uso tenha sua especificidade, a cenografia como elemento utilizado em ambos os casos, circula por um campo e outro, beneficiando a comunicação entre a mensagem a ser transmitida e o espectador.

Por isso, no nosso entender, experiências nas duas áreas podem contribuir para a cenografia em qualquer das suas aplicações.

3.1.3.2. Artes

E as apropriações e influências de elementos das Artes? São inúmeras. Podemos perceber em vários campos criativos a busca de referências na Arte e isso também ocorre com a cenografia.

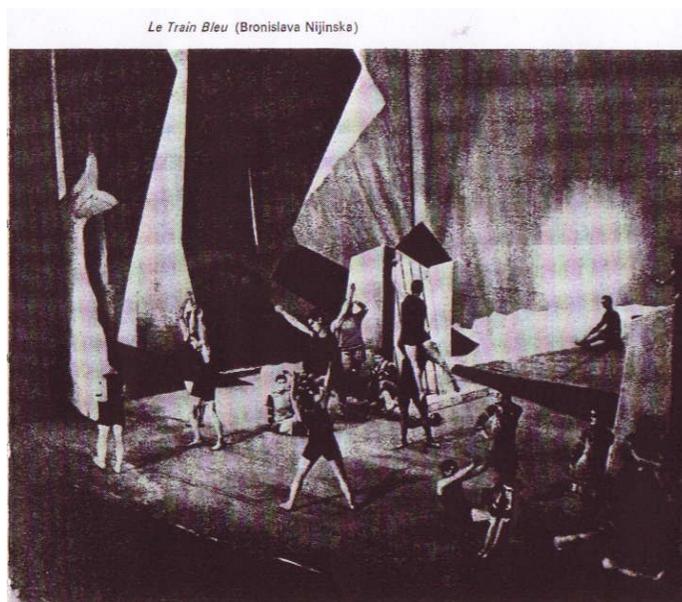
Apenas para elucidar, lembramos a Vanguarda russa e seus movimentos que surgiram em paralelo à Revolução e influenciaram várias linguagens artísticas, principalmente com sua corrente Abstracionista, que influenciou também a cenografia e a afastou da tendência figurativa. Os espaços cênicos eram organizados através de volumes e planos, formas abstratas, elementos



geométricos que ressaltavam a tridimensionalidade, esta não pela perspectiva de um desenho, mas pela ocupação de todo o espaço: na sua horizontalidade, verticalidade e profundidade.

O principal objetivo desses movimentos era a participação do público no espetáculo. Para isso era necessário romper com os padrões existentes no Naturalismo. Alguns dos cenógrafos que se destacaram foram Lavinsky, Crakovskij, Rodtchenko, estes utilizavam diversos materiais: madeira, ferro, pontes, rodas. O palco se despiu da cortina, deixou os refletores à mostra e os cenários como o da montagem *Le cocu magnifique*, da artista plástica e cenógrafa Liubov Popova, formado por uma estrutura aparente com rampas, escadas. Essas experimentações possibilitavam a construção de cenários móveis com engrenagens mecânicas.

No espetáculo: *Lê Train Bleu*, 1924 percebemos a participação de diferentes profissionais contribuindo para sua realização. O texto era de Jean Cocteau, a coreografia de Nijinsky, o cenário de Pablo Picasso e os figurinos de Chanel.



Fonte: PERCIVAL, John. *The world of Diaghilev*. Studio Vista. Dutton Pictureback. General Editor David Herbert. London. 1971:pg. 83

Figura 5: Bronislava Nijinska. *Le train Bleu*.

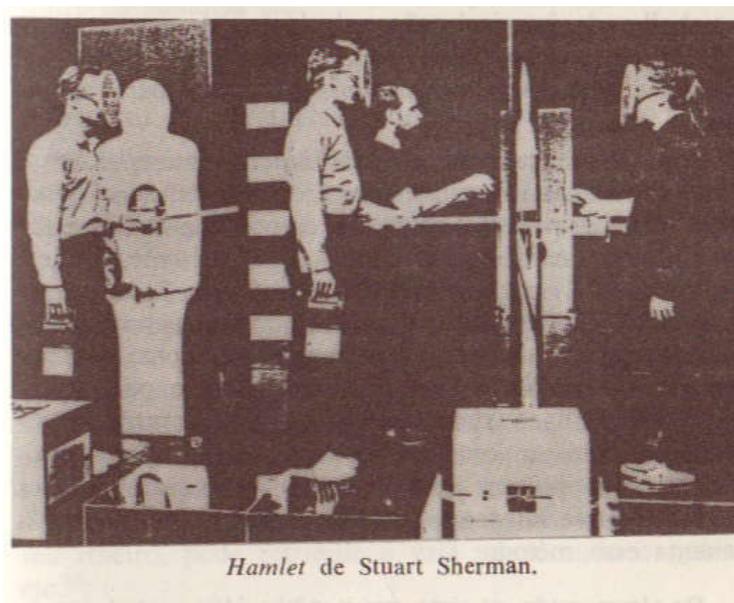
Os trabalhos para a realização de um desfile de moda, também levam em conta a unidade entre cenografia, trilha sonora, iluminação, apresentação dos *looks*, objetivando uma unidade visual a favor da ampliação da recepção pelo espectador dos conceitos envolvidos; mesmo que em muitos casos, esses trabalhos sejam realizados por profissionais diferentes.

Nas Artes plásticas, o interesse pelo processo criativo tem importante peso e em alguns casos a própria obra deixa transparecer esse processo. Essa tendência, de valorizar o momento da criação, instaurou-se como prenúncio



das mudanças que a Arte como um todo viria tomar. Nos anos 60 os *Happenings*, com uma intensa valorização da participação do público e nos anos 70 as *Performances*, com a mistura de várias linguagens, instauraram-se como formas de expressão. Como escreve Renato Cohen, estavam situadas dentro do universo maior da expressão cênica, expressões estas que se apóiam no acontecimento em detrimento da representação:

(...) a *performance* funcionará como uma linha de frente, uma arte de fronteira, que amplia os limites do que pode ser classificado como expressão cênica, ao mesmo tempo em que, no seu movimento constante de experimentação e pesquisa de linguagem, funciona como um espaço de rediscussão e releitura dos conceitos estruturais da cena (forma de atuação, forma do transpor o objeto para a representação, relação com o espectador, uso de recurso, uso da relação tempo-espço etc.) (COHEN, 1989, p. 103)



Fonte: COHEN, Renato. *Performance como linguagem – criação de um tempo-espço de experimentação*. Perspectiva. 1989

Figura 6: Hamlet de Stuart Sherman

Segundo Lydia Kamitsis, nos anos 60 além das apresentações das coleções, os desfiles de moda mudaram de sentido tornando-se um espetáculo ou *happening* artístico, tirando-o da sua razão somente utilitária e comercial. (KAMITSIS, 2006, p. 166)

Nos dias atuais, algumas marcas realizam desfiles com características muito próximas das *performances* artísticas, proporcionando uma relação com o espectador diferente dos desfiles mais tradicionais.



Podemos citar como exemplo da utilização dessa forma de expressão, o desfile do estilista Jum Nakao, para a São Paulo Fashion Week de junho de 2004, intitulado *A Costura do Invisível*.

Nesse desfile os modelos desfilaram roupas de papel, inspiradas na indumentária do século XIX, que foram confeccionadas em 700 horas de trabalho. A cenografia era composta por anêmonas feitas a partir de cones de papel vergê.

No final do desfile, os modelos rasgaram todos os *looks*.



Fonte: www.jumnakao.com.br

Figura 7 e Figura 8: Desfile de Jun Nakao. *A Costura do Invisível*. SPFW Junho/2004

Podemos verificar na *Costura do Invisível*, que Jum Nakao fez do público, parte do seu processo criativo, porque era justamente a reação do público que o estilista queria registrar. Verificamos um desfile onde a *performance* foi escolhida como a linguagem principal. A cenografia acompanhou a idéia central do desfile, visto que foram feitas anêmonas, para representar o fundo do mar, executadas em papel, material que a princípio não é capaz de subsistir em contato com a água.

Jum Nakao foi convidado a expor a *Costura do Invisível* em Paris no Galeries Lafayette em 2005, ano do Brasil na França. Uma coleção de moda que virou exposição de arte.

São vários os exemplos de desfiles que se apropriam de linguagens características da Arte ou que são por ela influenciados. A cenografia acompanha essa transitoriedade de linguagens e é algumas vezes o meio utilizado para que essas apropriações se manifestem.



No exemplo das Figuras 9, 10 e 11, do desfile de Rita Wainer, para o Fashion Rio Verão/2009 realizado no Salão Ipanema, a tipologia da apresentação também transita por uma linguagem artística. Foram apresentados apenas sete *looks*, um número bem reduzido do ponto de vista comercial.

A inspiração para o desfile: tempo, deusas, misticismo. A cenografia contou com uma escultura de cadeiras de plásticos ao fundo, um trabalho no piso com espelhos quebrados e relógios.

Três modelos ficaram no centro realizando movimentos em meio a fios e novelos de linhas e quatro outras realizavam sua apresentação andando pelo espaço disponível para o desfile. O público assistiu a apresentação em pé.



Fonte: <http://contextofashion.blogspot.com> / Fotos Ricardo Leal/ RioNews
Fonte: <http://jornaldamoda.files.wordpress.com>

Figura 9, Figura 10 e Figura 11: Desfile Rita Wainer Fashion Rio verão 2009.

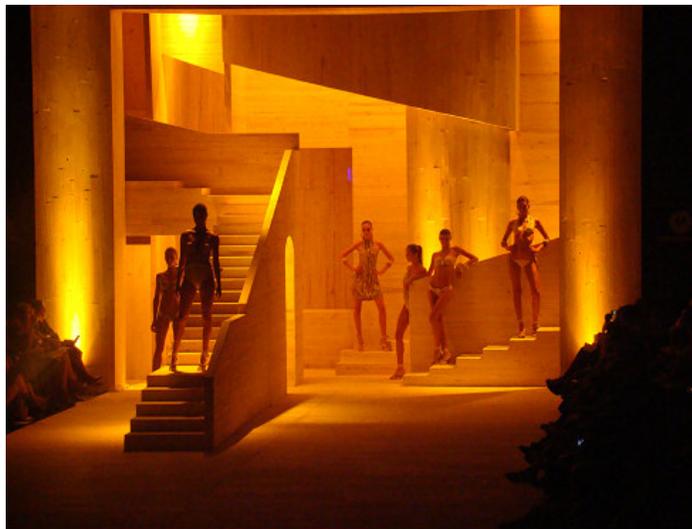
3.1.3.3. Arquitetura

A cenografia tem suas especificações próprias enquanto projeto, mas podemos perceber que alguns aspectos projetuais desta, também fazem parte dos projetos de Arquitetura. Só para citarmos alguns: a configuração espacial através de formas, linhas, planos, cores, texturas; a proporcionalidade entre esses elementos para transmitir a dimensão desejada e o sentido de escala; a escolha dos materiais a serem utilizados para o melhor atendimento da estruturação das formas.

Na Figura 12, do desfile da Água de Coco, para a SPFW verão 2009, podemos verificar que elementos normalmente utilizados na Arquitetura para configurar o espaço foram utilizados: escadas, patamares, muros e muretas,



planos verticais e horizontais. A boca de cena é quase um espaço arquitetônico.



Fonte: cedidas pela Marton + Marton

Figura 12: Foto do Desfile da Água de Coco – SPFW Verão/2009

Cada um desses elementos contribuiu para a formação de um espaço onde a circulação dos modelos foi valorizada, pois proporcionaram uma movimentação diferenciada. Os modelos surgiam ora no mesmo plano do nível da passarela, ora em um nível superior e depois desciam as escadas para demonstrar os *looks* na passarela.

A maquete é normalmente utilizada como forma de apresentação pelos profissionais que atuam no desenvolvimento de projetos espaciais. É uma forma de apresentação importante, pois contribui para uma demonstração fiel das proporções entre os elementos projetados e a circulação que será desenvolvida. Para os profissionais é um instrumento importante porque através da maquete, em alguns casos, muitos detalhes espaciais são verificados. As volumetrias podem ser organizadas, pode servir como experimentação para a construção da estrutura, para a escolha dos materiais, as cores a serem empregadas.

Nas Figuras 13 e 14, a maquete desenvolvida para demonstrar ao cliente o projeto da cenografia para o desfile realizado na SPFW Verão/2009.



Fonte: cedidas pela Marton + Marton

Figura 13 e Figura 14: Fotos da maquete do Desfile da Água de Coco – SPFW Verão/2009

Outro fator interessante é que o projeto de cenografia tem muita semelhança com um projeto de arquitetura, pois também é feito em escala, mostrando todos os elementos e suas medidas, seus detalhamentos construtivos.

São utilizadas as mesmas representações dos desenhos de Arquitetura, a saber: Plantas Baixas, Cortes, Elevações. Também observamos o rigor no detalhamento de todo o cenário. Existem especificações sobre as medidas a serem obedecidas e as aplicações dos revestimentos.

3.1.4. Adaptação à Linguagem do Desfile

A cenografia é um elemento que se adapta e ajuda na contextualização da grande variedade de tipos de desfiles possíveis. As marcas e os diretores de desfile procuram ter uma tipologia de desfile usual para suas apresentações, por exemplo, algumas marcas escolhem um desfile mais tradicional com passarela de aproximadamente 30m de comprimento e a boca de cena, abertura por onde saem os modelos que desfilam os *looks*.

Outras marcas optam por desfiles mais elaborados e que se assemelham a shows. Existem nesses tipos de desfiles elementos que procuram surpreender os espectadores pela sua magnitude, beleza, etc.

Existem também, como já foi citado neste texto, desfiles que utilizam linguagens mais comumente usadas pela Arte. Exemplo disso são os desfiles que privilegiam a performance ou a instalação como representação. Estes são geralmente, utilizados por marcas que querem deixar no público uma imagem diferenciada da sua identidade.



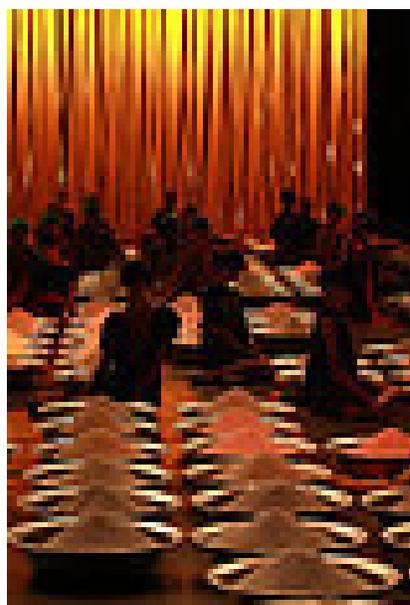
Alguns estilistas e marcas aproveitam o momento do desfile como um momento de expressão ou manifestação. Com isso podem ser agregados outros valores ao desfile que ultrapassam o intuito de direcionar tendências e aumentar os negócios.

A cenografia acompanha esses diferentes tipos de desfiles e contribui para sua realização. Em alguns casos os próprios cenógrafos sugerem a tipologia que melhor expressa a identidade da marca.

A presença da cenografia, em qualquer uma dessas tipologias, pode dar-se de maneira muito diversa; em alguns casos, a cenografia é composta por um ou alguns objetos compondo o espaço do desfile ou sendo manejados pelos modelos, em outros casos é uma construção tridimensional, em outros ainda privilegia projeções de imagens, enfim, não existe limite para o potencial criativo nesse trabalho.

Alguns estilistas usam o espaço do desfile como um momento para manifestação de causas sociais, ecológicas, etc. Podemos verificar essa característica no desfile de Ronaldo Fraga da SPFW Verão 2009. O estilista pôde manifestar sua adesão às causas ecológicas e o espaço do desfile serviu para que ele compartilhasse com os espectadores sua reflexão sobre a transposição do Rio São Francisco, assunto muito vinculado pelos meios de comunicação no país à época do desfile.

A cenografia, assinada por Clarissa Neves e Paulo Waisberg, configurou a construção visual da idéia. De uma maneira metafórica, foram utilizadas bacias cheias de sal, representando a salinização do rio.



Fonte: <http://chic.iq.com/materias/490501-491000>

Figura 15 e Figura 16: Desfile de Ronaldo Fraga SPFW Verão/2009



A cenografia, além de contribuir com a tipologia de desfile escolhida pelas marcas, foi utilizada como um recurso necessário para a formação da imagem visual e a transmissão dos conceitos envolvidos no desfile. Falamos de recurso necessário, porque a nosso ver, a cenografia existe mesmo quando ninguém pensa nela objetivamente. Um desfile pode realizar-se em uma sala vazia, em uma paisagem natural e estes necessariamente são cenários e influenciam na construção visual do evento.

4. Considerações Finais

Percebemos que em qualquer uso da cenografia pode-se pensar em uma necessidade de configurar o espaço, de compor a atmosfera própria para uma determinada ação; a existência de protagonistas que atuarão nesse espaço e a dependência de um texto ou uma mensagem a ser transmitida. A utilização da cenografia em qualquer campo vê-se composta por esses fatores.

Para a criação de uma cenografia para desfiles de moda, o espaço a ser configurado deve ter características que permitam a visualização dos produtos que ali são apresentados: a coleção.

A atmosfera que a cenografia deve criar em torno de um desfile é a atmosfera própria da entidade de cada marca. O protagonista próprio que deve ser levado em conta pelo trabalho do cenógrafo é a apresentação da coleção que usualmente é feita por modelos. O texto ou mensagem a ser transmitida é o tema da coleção que vai ser o ponto de partida para o processo criativo de todo o projeto de cenografia.

A qualidade de um projeto para um desfile depende, em grande parte, da configuração adequada da passarela e da boca de cena. Esses dois elementos merecem uma maior atenção por parte do profissional contratado para executar os trabalhos de cenografia, isto porque, são os dois elementos que contribuem para que os objetivos do desfile sejam alcançados. A demonstração da coleção para uma determinada estação do ano traz consigo o objetivo de movimentar os negócios e divulgar as marcas no mercado.

O trabalho de cenografia conta com um processo projetual muito aberto à criatividade, mas também exige, dos profissionais envolvidos, conhecimentos em especificação de materiais; escolha de fornecedores; cumprimento dos prazos; preocupação com o meio ambiente, investindo em projetos com qualidade ecológica.

A dinâmica a ser seguida em todo o trabalho em torno de um desfile de moda se imbuí de características próprias dessa área: a rapidez do evento que dura aproximadamente 20 minutos, a adaptação à linguagem da Moda, a transmissão de conceitos e sensações que colaboram na identidade de cada marca, a rapidez na montagem do cenário, a apropriação de elementos de outras áreas e principalmente a interação com profissionais diversos.

Pensamos que a cenografia é o elemento de configuração espacial responsável por construir visualmente o elo entre as marcas e os



espectadores. Isto fez-nos perceber que duas das características mais importantes da cenografia para desfiles de moda são a ambientação do lugar do desfile e a transmissão do conceito elaborado para as coleções das marcas.

Em um evento efêmero, o que prolonga a ação que não existe mais, é a memorização visual e sensorial transmitida aos espectadores e as imagens divulgadas pela mídia. A participação da cenografia nesse processo tem grande importância.

Referências

CARDOSO, João Batista Freitas. A **cenografia virtual na televisão brasileira**. Centro de investigação em mídias digitais - CIMID, PUC-SP, 2003. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/~cimid/2com/05cardoso.htm>> . Acesso em: 05 abr. 2008.

COHEN, Renato. **Performance como linguagem: criação de um tempo-espço de experimentação**. São Paulo: Perspectiva. 1989

DIAS, José S. A importância da cenografia. **Percevejo on line**. Rio de Janeiro, v.7, n.7, p.23-31, 2000. Disponível em: <www.unirio.br/opercevejoonline/indice.htm>. Acesso em: 28 de mai.2008.

EVANS, Caroline. O espetáculo Encantado. **Fashion Theory**. Editora Anhembi Morumbi. N.2, p.31-70. jun2002.

FARIAS, Agnaldo. Design é arte? Reflexões sobre o estreito caminho que separa ou une essas duas linguagens. **Boletim ADG**. São Paulo, n.18, p. 25-29, 1999.

GARCIA, C; MIRANDA, A.P.C. **Moda é comunicação: experiências, memórias, vínculos**. São Paulo: Ed. Anhembi Morumbi, 2007.

KAMITSIS, LYDIA. Une histoire impressionniste du défilé depuis les années 1960. **Showtime – Lê défilé de Mode – Musée Galliera**. Paris: Ed. Paris Musees, 2006, p. 166-176.

LEITE, João de Souza. **A Herança do Olhar: o design de Aloísio Magalhães**. Rio de Janeiro: SENAC Rio, 2003, p. 33-35.

MANTOVANI, Anna. **Cenografia**. São Paulo: Ática, 1989.

NEVES, Lucila et al. **10 anos São Paulo Fashion Week: um marco na moda**. 2005. 122f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo. 2005.